

## TRAGÉDIA E FARSA

Luis Fernandes \*

É bastante conhecida e repetida a observação de Marx que os fatos e personagens de grande importância na História ocorrem duas vezes, primeiramente como tragédia e depois como farsa. A frase original refere-se à tentativa fracassada do sobrinho Luís Bonaparte de reeditar, na França de meados do Século 19, as glórias do tio Napoleão. O tema volta à tona com o pronunciamento do presidente Bush à sessão conjunta das duas câmaras do Congresso dos Estados Unidos, mobilizando o seu país e o mundo para a guerra no Afeganistão – onze anos depois do seu pai ter proferido discurso semelhante para outra sessão conjunta do Congresso preparando a Guerra do Golfo contra o Iraque. Estaremos diante de nova manifestação do antigo padrão de mimetismo histórico-caricatural, desta feita agravada por conotações edipianas?

O pronunciamento do presidente Bush (filho) na semana passada teve ampla repercussão doméstica e internacional, tal qual o discurso do presidente Bush (pai) em 1990. Desde os ataques terroristas a Nova Iorque e Washington, o mundo vive a tensa e preocupada expectativa da retaliação norte-americana, procurando discernir qual será o seu perfil, escopo, alvo, intensidade, duração e conseqüências. Depois de aguda luta interna no seu próprio governo, o discurso do Bush (filho) definiu o contorno geral da reação dos Estados Unidos. Salta aos olhos as diferenças de tom, disposição, procedimento e enfoque nos pronunciamentos de pai e filho, marcando de forma dramática a redefinição dos desafios e respostas da política externa norte-americana na primeira década pós-Guerra Fria.

Na seqüência do colapso do bloco soviético, o presidente Bush (pai) enfrentava, onze anos atrás, uma crise cujo epicentro se localizava no Oriente Médio, muito longe do território dos Estados Unidos. O tom do seu discurso para o Congresso era francamente positivo e afirmativo, evocando a retórica idealista do presidente Wilson em defesa da Liga das Nações ao final da Primeira Guerra. A punição do Iraque e a reversão da sua invasão do Kuwait era apresentada como a “prova de fogo” da consolidação de uma nova ordem internacional em que resolução de problemas e diferenças seria assumida em conjunto pela comunidade internacional, via a construção negociada de respostas nos foros multilaterais adequados. O Conselho Permanente da ONU, que ainda tinha a União Soviética de Gorbachev como membro permanente, era destacado como o foro apropriado para definir e legitimar a retaliação contra o Iraque. O escopo da ação a ser empreendida foi claramente delimitado: forçar a desocupação do Kuwait e prevenir novas invasões. Para tal, foi dado um ultimato com prazo relativamente longo ao governo de Bagdá para a retirada das suas tropas, de forma a dar tempo para a formação e consolidação da coalizão internacional que deveria respaldar a ação de força comandada pelos Estados Unidos. Esta, por sua vez, foi concebida como uma intervenção massiva de curta duração.

O enfoque do pronunciamento do presidente Bush (filho) já foi inteiramente distinto. Em primeiro lugar, a crise a ser enfrentada foi deflagrada por ataques de grandes proporções e

---

\* Professor do Instituto de Relações Internacionais (IRI) da PUC-Rio e do Departamento de Ciência Política da UFF.

impacto contra alvos no próprio território continental dos Estados Unidos. Estes ataques, ademais, não foram desferidos abertamente por qualquer estado territorial e nem tiveram a sua autoria assumida explicitamente por qualquer grupo. A resposta desenhada pelo presidente no discurso deixou o alvo da retaliação norte-americana inteiramente difuso e indeterminado. Na verdade, estabeleceu uma hierarquia de alvos: primeiramente, os dirigentes e instalações do grupo *Al Qaeda* de Ossama Bin Laden no Afeganistão; depois, o próprio regime dos talibãs (criticado não apenas por suas conexões com o grupo de Bin Laden, mas também por suas práticas políticas opressivas internas); por fim, todos os estados que possam abrigar e/ou apoiar grupos terroristas. Não foi feita qualquer referência ao papel dos foros multilaterais na definição e/ou legitimação da resposta da comunidade internacional à “ameaça do terrorismo”. Pelo contrário, o tom do discurso do presidente foi marcadamente arrogante, intimidador e unilateral: os Estados Unidos vão partir rapidamente para ação, e quem não estiver ao seu lado está contra, e será tratado como tal.

Mais do que uma virtual declaração de guerra contra o regime dos talibãs, o pronunciamento do Bush (filho) equivale a um ultimato dirigido à própria comunidade internacional. O governo norte-americano quer carta branca para uma retaliação ampla, cujos objetivos mais precisos ele irá determinando ao longo de uma campanha que, ele mesmo avisa, será prolongada. O discurso e as medidas que se lhe seguiram também deixam claro qual é o principal teatro de operações desta campanha: uma região marcada por agudas, complexas e intrincadas tensões, em que as ações e os grupos terroristas se entrelaçam com os interesses geopolíticos de variados estados (inclusive do estado norte-americano, que treinou, financiou, armou e estimulou movimentos fundamentalistas - e o grupo do Ossama Bin Laden em particular - na sua luta contra o regime secular afegão sustentado por tropas soviéticas nos anos '80). Ou seja, a comunidade internacional está sendo coagida a respaldar uma ação sobre a qual não exerce qualquer controle e que tende a romper o delicado e precaríssimo equilíbrio de forças existente no Oriente Médio e na Ásia Central, alimentando uma escalada de violência de conseqüências imprevisíveis no mundo.

Esta rápida apreciação revela como a promessa de “livrar o mundo do terrorismo” do Bush (filho) é tão ilusória e simplista quanto foi a de “consolidar uma nova ordem multilateral” do seu pai. Após a derrota do Iraque na Guerra do Golfo, a política externa norte-americana encaminhou-se, cada vez mais, para o recurso a ações unilaterais de poder (político, militar e econômico) e para o esvaziamento dos foros multilaterais de abrangência e representação universal como arenas relevantes para a resolução de problemas e conflitos internacionais. A política externa do atual governo Bush é o ponto culminante desta evolução. Por este ângulo, a história recente parece desmentir a generalização de Marx. “Tragédia” e “farsa” aparecem combinados nos dois personagens históricos. O “papel” do filho é, na verdade, um desdobramento do que foi desempenhado, anteriormente, pelo pai. As diferenças de *script* ficam por conta da crescente dificuldade dos Estados Unidos em construir um consenso internacional em torno da sua agenda de interesses nacionais. A tragédia é que essa opção pelo unilateralismo não nos aproxima da paz.